

PARA MAIS ALÉM DA ESTÉTICA. AS MODIFICAÇÕES CORPORAIS E EMOÇÕES

Este trabalho resultou de uma reflexão baseada na minha Tese de Doutorado em Antropologia.

GT 26 Sociología del cuerpo y de las emociones

Fabiana Maria Gama Pereira

Resumo

Este trabalho, fruto de uma Tese de Doutorado em Antropologia, parte de uma reflexão sobre a relação entre o corpo e as emoções entre grupos de adeptos da *body modification*. Tal reflexão incide, sobretudo, na expressão das emoções tanto como categoria subjetiva, quanto social. Na sociedade ocidental atual, é cada vez maior o apelo a um modelo de estética dominante que se associa a signos de beleza, status, saúde, etc. Os interlocutores da pesquisa põem em cheque padrões hegemônicos e nos mostram, através de suas práticas, que há outros modelos de estéticas possíveis. É a partir desta reflexão que tomo a antropologia das emoções como ferramenta para pensar sobre a relação do indivíduo com seu corpo num grupo de adeptos das modificações corporais.

Palavras-chaves: corpo, emoções, antropologia.

1. Apresentação

A construção da minha Tese de Doutorado em Antropologia se baseou, entre outras coisas, numa análise dos fenômenos socioculturais ligados a determinadas práticas das transformações corporais, contemplando-se como objeto de investigação grupos de indivíduos que encontravam na prática da tatuagem, do *piercing* e nas intervenções corporais consideradas radicais o principal meio de expressão e um importante canal de comunicação. Na última categoria – a das intervenções radicais – se incluem: a perfuração e a introdução de objetos na boca, nariz, pênis, vagina, orelhas e outras regiões, além de mutilações e experimentações diversas, as quais, em alguns casos, chegam a pôr em risco a integridade física do próprio indivíduo.

A pesquisa de campo foi realizada entre 2005 e 2007 nas cidades de Recife e Madri (Espanha), em locais onde os indivíduos praticavam intervenções no corpo. Foram feitas observações, sobretudo em estúdios de tatuagem e *body piercing*, que se dividiam em duas categorias: “comerciais” e “personalizados”. Os “comerciais” eram aqueles onde se realizavam práticas mais usuais (*tatoos* e *piercings*), muitos funcionavam como pequenas empresas. Já os “personalizados”, mais incomuns no Brasil, era onde se podia ter contato com as modificações corporais extremas, como a escarificação, o *branding*, as suspensões, etc¹.

¹ Foram realizadas entrevistas e observações, sobretudo em estúdios de tatuagens e body piercing por serem os lugares de sociabilidade e consumo estético onde foi possível constatar que a partir do momento em que se começa a trabalhar, os técnicos passam a se conhecer, formando uma rede de contatos, tanto entre os tatuadores quanto entre os piercers e os clientes. Também foram realizadas observações em convenções de tatuagem, em residências, bares, boates, etc.

Os tatuadores, em geral, se iniciam neste meio como bons desenhistas ou grafiteiros, outros descobrem a vocação através de cursos ou com os amigos e pessoas mais experientes. Para treinar o processo da tatuagem costumam usar pele sintética de porco, sendo mais comum utilizar o próprio corpo. Os *piercers*, por sua vez, também são identificados por um tipo particular de estética das modificações corporais que levam em seus corpos, se diferenciando como um grupo que se reconhece enquanto pessoas que “gostam de furar”. Costumam aprender a perfurar com os mais experientes ou sozinhos, utilizando também o próprio corpo.

Contrariamente aos tatuadores que, na maioria das vezes se dedicavam exclusivamente à tatuagem, entre os *piercers* era comum à prática de intervenções mais extremas como as suspensões corporais e as modificações consideradas “radicais” como as perfurações e cortes em diferentes partes do corpo, implantes subcutâneos, amputações, etc.

Em geral, estes técnicos não têm formação nenhuma para exercer práticas dessa natureza e, para aprender buscam pessoas mais experientes, chegando, em alguns casos, a pagar para se submeter a algum tipo de intervenção no próprio corpo. A maioria começa executando operações mais simples como o *piercing* ou o alargamento das orelhas e com o tempo vão se aperfeiçoando. Os *piercers*, também conhecidos como “modificadores corporais” consideram estas técnicas como as mais elaboradas, em que o “profissional²” precisa ter muita coordenação motora, controle e cuidado para realizá-las, visto que qualquer descuido pode ser perigoso para a pessoa que se submete. Para realizar uma escarificação, por exemplo, é necessário saber manejar precisamente um bisturi, a fim de separar a pele do músculo, sendo fundamental saber até onde cortar, já que como eles mesmo dizem, “qualquer erro pode ser fatal”.

A esse respeito dizia um dos interlocutores da pesquisa que trabalhava num estúdio personalizado em Madri (Espanha): “A escarificação é bem mais complicada do que o *piercing*, é preciso muito controle para escarificar, tens que saber milimetricamente o que estás cortando, como estás cortando, manejar agulha de bisturi e tudo. Eu quero aprender também, então quando eu me escarifico eu também estou olhando o tempo todo, estou aprendendo”. (Pedro, 23 anos)

Com os meios de comunicação de massa, especialmente com o advento da *Internet* houve um considerável crescimento de adeptos destas técnicas extremas. Um dos *sites* mais antigos nessa área é o *Body Modification Enzine* (BMEzine)³, criado nos Estados Unidos em 1997, ainda hoje é considerado o mais completo. Ao entrar nesta comunidade virtual pode-se ter acesso à história de algumas formas de modificações corporais, os diversos usos dessas estéticas em diferentes culturas não ocidentais, bem como a inúmeras imagens de trabalhos mais recentes que as pessoas enviam ao *site*, incluindo aí *piercing*, tatuagem, escarificação, suspensão, etc. Dentro das categorias exibidas pode-se destacar a denominada *Extream/Heavy Mods and Erotic Mod* cujo conteúdo é bastante peculiar: implantes em partes do corpo, inclusive na cabeça, suspensões variadas, amputações de dentes, língua, falanges de dedos das mãos e dos pés, pedaço do braço, pênis, testículos, seios, clitóris, etc. Um dos criadores do BME zine, Lucas Zpira é atualmente uma das pessoas mais famosas e conhecidas no cenário internacional. Por ser médico (cirurgião), tem autorização legal para a prática de determinadas técnicas e, em vista disto, é convidado no mundo todo para demonstrar suas habilidades, o que tem lhe proporcionado fama, status e dinheiro.

2. Modificar o corpo: para além da estética

A partir destas descrições, se pode perceber que apesar das tatuagens, *piercings*, escarificações e outras práticas estarem associadas a um tipo de estética, o ato de marcar o corpo vai mais além desta compreensão. Para ilustrar essa afirmação, serão apresentados os casos de Vandré e de Pedro, dois

² O termo se encontra entre aspas por não existir a profissão dos que trabalham com modificações corporais.

³ www.bme.com

interlocutores que, na época da pesquisa se dedicavam a modificar seus corpos bem como os de outras pessoas⁴.

Vandré (32 anos) viu pela primeira vez uma suspensão corporal aos 10 anos de idade, quando assistiu ao filme “Um Homem Chamado Cavalo”. A estória, que retrata o ritual a que se submete um homem para fazer parte de uma tribo, não saiu mais de sua memória. Apesar de ter se chocado com o que presenciara na infância, anos mais tarde se tornou uma pessoa de referência no Recife em matéria de suspensão. Com a experiência que foi acumulando, passou a se sentir cada vez mais seguro, experimentando novas posições e atingindo *recordes* no Brasil, sendo capaz de ficar horas pendurado pela pele. Num dos seus aniversários se presenteou com um *o-kee-pa* que para ele é umas das suspensões corporais mais doloridas, incômodas e arriscadas, pela possibilidade de faltar ar ou de que os pulmões se contraíam. A sensação de prazer é tão intensa que o sacrifício, a dor e o próprio risco são recompensados⁵. (anexo 1)

Numa das vezes que se pendurou chamou a atenção de todos que o assistiam pelo seu semblante. Contrariamente ao que muitos imaginavam, ao invés de dor, transmitia muito prazer através daquela experiência. De tão incorporado à vivência, parecia está numa espécie de transe, como se estivesse fora da realidade por alguns instantes. Ao ser questionado sobre sua sensação naquele instante revelava:

“... um momento especial, agora... só de êxtase, muito prazer. Felicidade total. É como um orgasmo, nem sei.”..... “Não, é diferente... é uma maravilha, você não imagina como. É algo indescritível que palavras não dizem a sensação que você sente... é muito... (suspiro) prazer. Dor não to sentindo nenhuma agora mesmo... a dor some totalmente, você sente assim, puxando a pele, mas não ta doendo, não ta incomodando em nada”.

Assim como Vandré, o espanhol Pedro (22 anos) vem investindo no ofício de “modificador corporal”. Desde então tem transformado progressivamente sua aparência com tatuagens, *piercings*, escarificações e implantes, que são para ele, primeiramente, signos de estética. Mas além disso, o interlocutor também tem realizado algumas intervenções em seu corpo com o objetivo de controlar seus pensamentos, como ele mesmo coloca: “Eu conheço quatro ou cinco pessoas que entendem da escarificação, não conheço muito mais, não é que pensem como eu, mas que compreendem. Tu me entendes se eu digo que vou cortar uma perna? Não te parece estranho? Todo mundo é assim, ninguém entende, ninguém compreende”... “Cada coisa que faço utilizo o interior do cérebro, desenvolvo coisas que as pessoas não desenvolvem, quando tu estudas desenvolves uma parte da tua cabeça, tem gente que não estuda, não desenvolve, então eu ao fazer isto, desenvolvo”.

À medida que o interlocutor se aprofundava nessas práticas, descobria o quanto o ato da perfuração corporal, seja nele mesmo ou em terceiros, o acalmava e o tranquilizava. Sem entender, passou a sentir muitas vezes necessidade de furar seu próprio corpo, sobretudo nos momentos em que se sentia ansioso ou frustrado: “Quando eu e L. nos separamos, senti vontade de me perfurar o tempo todo, era um desespero. Furei meu rosto e os meus dois mamilos... também retirei alguns *piercings* do meu corpo”. Ao longo do tempo, Pedro foi se dando conta de que por meio deste ato conseguia controlar sua mente, como ele mesmo dizia:

“... cada vez que me escarifico, cada vez que faço um *piercing*, eu me coloco a prova, conheço minha mente um pouco melhor, até onde eu posso chegar, até onde não, cada vez posso me controlar um pouco mais. Em cada escarificação feita eu vou notando, na verdade são sensações super estranhas

⁴ Ainda hoje eles se dedicam às modificações corporais.

⁵ O termo *O-Kee-Paa* se incorporou ao ocidente para se nomear uma categoria da suspensão corporal que consiste em pendurar o corpo verticalmente através do peitoral, onde se engancham os ganchos de ferro.

pela descarga de adrenalina... eu fico muito estranho, eu me sinto muito bem. Eu fico feliz, é como fazer pointing, acabas viciando, cada tempo tens que fazer uma”.

Um dado que me chamava muito a atenção durante o trabalho de campo, era o contexto onde essas práticas eram realizadas. Alguns preferiam está em pequenos grupos de maneira mais reservada, já outros buscavam locais com intenso fluxo de pessoas onde pudessem exibir suas habilidades. Em Madri, por exemplo, algumas pessoas se apresentavam em bares e discotecas. Um dos grupos mais conhecidos é o “A sangre fria”, cujos membros (homens e mulheres) eram pagos para dramatizar, em pleno palco, modificações corporais consideradas extremas. Os adeptos não mediam esforços em suas apresentações e faziam o que fosse necessário para chamar a atenção do público, despertando nas pessoas emoções que iam da euforia e entusiasmo ao nojo.

Segundo Turner (2008), o significado do ritual vai mais além daquilo que é observável. Se referindo à árvore do leite, ele percebe que os nativos relacionam-na à amamentação, aos seios da menina, à menstruação, sendo o tema central deste ritual o vínculo da lactância entre mãe e filho (a). Mas o autor também observou que a árvore do leite é o lugar das disputas entre mãe e filha, da separação. É em volta desta árvore que a menina, na época da puberdade, tem que passar um dia inteiro, faça chuva ou faça sol sem mover um só músculo. A dor e o sacrifício dão partes do rito que mobiliza tanto a noviça quanto seu grupo social.

Neste sentido, a interpretação dos nativos era de uma harmonia e coesão em torno da árvore do leite. Turner, no entanto, percebeu que havia algo a mais que os próprios informantes não verbalizavam. Assim, o autor dialoga com a psicanálise ao falar de desejos inconscientes presentes nestes rituais e nas próprias emoções suscitadas.

A escolha pela marca no corpo, assim como os motivos, muitas vezes atestam um simbolismo que se relaciona a momentos importantes, recordações e passagens, ou seja, contam a história de vida do portador. Pedro (22 anos) falava de si através dos seus signos corporais, sendo por meio de tatuagens, *piercings* e escarificações que tive acesso à intimidade desse jovem. Se identificando, certa vez, pela *Internet* como “*el gallo decaptado*” (o galo decapitado), narrava a seguinte estória:

“... o galo decapitado continuou correndo ao redor da forca fazendo um círculo de sangue fresco”..... “A forca é um pau com uma corda onde as pessoas são penduradas até morrer, te colocam a corda no pescoço e te penduram. Na forca tem um homem morto com o pescoço quebrado e com a cara roxa e ao redor tem um gallo correndo sem cabeça e do pescoço jorra sangue e, como o gallo corre em círculo em volta da forca, forma-se um círculo de sangue vermelho em cima da neve branca”.

Por meio desta narrativa aparentemente desconexa, recorria às lembranças de infância das matanças de galos e perus que eram realizadas na fazenda do seu pai e que, em algumas ocasiões, era ele (Pedro) quem sustentava os animais para serem degolados. Não conseguia apagar de sua memória a cena em que as aves corriam sem cabeça e jorravam sangue pelo pescoço até caírem mortas no chão.

Através do signo tatuado Pedro representava o genitor:

“Meu pai morreu há cinco anos... Sua última vontade foi que suas cinzas levássemos para sua fazenda e repartíssemos aí, então levamos as cinzas e jogamos em uma árvore que ele havia plantado há 25 anos, essa árvore que eu me tatuei. Tu não vês que está seca a árvore que levo? Está morta, por isso... meu pai está morto também.”..... “... porque as árvores também representam vida eterna. Uma árvore quando morre, a cortiça cai no solo, apodrece e isso é bom para a terra, se enriquece. As árvores nunca morrem de verdade, por que... uma maçã que cai de uma árvore, morre, apodrece, mas a terra volta a absorvê-la e então volta a sair. As árvores morrem, mas a terra volta a filtrar para dar vida a outra planta, então sempre estão vivas”..... “... isso tem um duplo significado (refere-se à tatuagem),

por isso, e na verdade eu levo esta tatuagem, porque enquanto eu estiver vivo, meu pai vai continuar vivo também...não sei, vai viver na memória...”.

Tatuar o corpo tem uma conotação de prazer associado à imagem delineada, que por sua vez pode tornar público os eventos privados e subjetivos. No caso de Pedro não se trata simplesmente de marcar a pele, mas de contar uma trajetória e evocar a memória, suprimir uma falta para ser o sujeito do seu próprio desejo. Segundo a Psicanálise, para se constituir enquanto sujeito, o indivíduo precisa de interditos, reclusões, ritos e leis que estão vinculadas aos códigos socioculturais. Se ele não ritualiza nos momentos adequados, vai buscar alguma forma que possa dar-lhe alguma segurança, já que poderá encontrar-se perdido, vagando sem direção. Na medida em que não se ritualiza as passagens, a pessoa não se localiza frente ao seu contexto e passa a ultrapassar as barreiras das regras e interdições, inclusive ritualizando a seu modo, numa tentativa de se enquadrar ou criar uma identidade. Por meio das marcas no corpo, escarificações ou de outras práticas, Pedro marca sua identidade e dá um sentido a sua vida, vai simultaneamente mudando sua aparência assim como experimentando novas sensações, fazendo do seu corpo um veículo de experiências estéticas e subjetivas, capaz de liberar suas tensões e emoções.

A prática do ritual desperta atributos emocionais, mas além do conteúdo inconsciente, se faz necessário estudar o contexto em que esse ritual é praticado, até para entender seu simbolismo, sua finalidade. Desconstruindo a ideia de universalidade das emoções, a antropologia abre espaço para pensar o contexto social mais amplo em que elas são acionadas. Neste sentido, se pode perguntar: O que as emoções nos comunicam através destas práticas? O que denunciam?

Apesar de mobilizarem um tipo de emoção interiorizada ou simbolismos inconscientes, os rituais de modificação corporal praticados pelos grupos estudados chamam a atenção para diversas questões. Pode-se refletir sobre o discurso social em torno do corpo. Como bem aponta Foucault, O discurso sobre o corpo é um discurso científico, da biologia e da medicina. Há uma imposição de comportamentos considerados normais através das práticas sociais: “... os cuidados com o corpo, através de dietas, exercícios, medicamentos preventivos, etc. , revelam não apenas preocupações em torno dele, mas também um controle estrito e detalhado de tudo o que acontece com ele”. Foucault discute como em torno do corpo desenvolvem-se saberes- médicos, psicológicos, jurídicos, demográficos – que atravessam vários campos de poder, pensando-o não apenas como controle e repressão, mas também como produtor de práticas e interesses”. (Foucault in, Rezende, p.28)

A sociedade ocidental vem assistindo a uma época em que o corpo magro, sarado faz parte de um discurso que o associa a signos de beleza, saúde, poder, status, etc. Aquele que não se enquadra nestes padrões é automaticamente alvo de preconceitos das mais diversas ordens. Ao analisar as práticas de modificações corporais extremas, se pode perceber que os adeptos são indivíduos cuja estética não se enquadra absolutamente nos padrões de beleza hegemônicos.

Para o grupo estudado, há um sentido naquelas práticas, há uma função que pode ser coletiva e também individual. Há sentimentos que são mobilizados no grupo através destas práticas. Se fôssemos analisá-las somente sob um viés da psicologia ou até da psicanálise, cairíamos num discurso individualista, subjetivo, patologizante e reducionista. Uma análise do ponto de vista da antropologia das emoções vai mais além.

Nestas práticas os dominados passam a ser dominantes e nos mostram que outros corpos podem aparecer nesta sociedade onde somente um modelo de estética é reconhecida. Podemos ver outros modelos, outros cenários, outras práticas, sem necessariamente patologizá-las ou discriminá-las. Elas são acima de qualquer coisa uma linguagem que denuncia uma sociedade cada vez mais intolerante às diferenças.

3. Bibliografia

Pereira, F.M.G (2007). Tatuagens, piercings e outras intervenções corporais. Aproximações interetnográficas entre Recife e Madri. Tese de Doutorado não publicada, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.

REZENDE, Claudia B. & COELHO, M. Claudia (2010) *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro,RJ, Brasil: FGV de Bolso.

Turner, V. (2008) *La selva de los simbolos*. (8ª Ed.) (Ramón Valdés del Toro e Alberto Cardín Garay Trads.). Londres, Inglaterra: Cornell Press. (Trabalho original publicado em 1980).

4 Anexo

Anexo 1: suspensão em O-Kee-pa



